



O autor alerta, já em 1997, para o crescimento da AIDS em mulheres – especialmente nas mais pobres. Mostra suas causas e propõe formas de evitar esta nova face da epidemia. Infelizmente, não foram tomadas as medidas necessárias e a epidemia continuou se alastrando, fazendo da AIDS, hoje, uma doença feminina, jovem e pobre.

AIDS E AS MULHERES

Folha de S. Paulo
Artigo publicado em 01.12.97

Quando assumi a Secretaria de Estado da Saúde, há dez anos, tínhamos em São Paulo um caso de Aids em mulher para cada 50 homens com a doença. Hoje, há uma mulher para cada dois homens. Em nenhum outro estamento a incidência da Aids aumentou tanto.

Recentemente, a Prefeitura de São Paulo, estudando causas de mortalidade, trouxe uma notícia aparentemente alvissareira: as mortes por Aids caíram pela primeira vez em São Paulo, entre os anos de 1994 e 1996.

Entretanto, nesse período, as mulheres – particularmente as mais pobres – tiveram aumento de 50,3% nas mortes por essa doença, e a incidência de contaminação pelo HIV aumentou.

A pequena diminuição da mortalidade se deveu a melhoras técnicas no tratamento, acessíveis a pessoas de maiores posses e, especialmente, a homens.

Uma das mais significativas alterações na prevenção do HIV durante a segunda década da epidemia tem sido a crescente necessidade de reduzir a vulnerabilidade das mulheres ao vírus.

Hoje, a Aids é reconhecida como grave ameaça às mulheres sexualmente ativas, inclusive as monogâmicas. As crescentes taxas universais de HIV/Aids entre os jovens e as mulheres

confirmam estarem elas sob risco progressivo de infecção.

No ano 2000, o número anual de casos de Aids entre as mulheres será igual ou superior ao dos homens. Atualmente, seis entre dez novas infecções anuais ocorrem em mulheres de 15 a 24 anos.

A biologia tem papel importante na elevada suscetibilidade das mulheres ao HIV. De fato, a transmissão sexual do vírus é pelo menos quatro vezes mais eficaz dos homens para as mulheres do que das mulheres para os homens.

A análise sociológica demonstra que o desequilíbrio de força entre homens e mulheres agrava sensivelmente a vulnerabilidade das segundas. A dependência econômica das mulheres e a aceitação, pela sociedade, de certos padrões de comportamento sexual colocam-nas em situação de maior risco.

Nos últimos seis anos, organizações internacionais começaram a definir uma abordagem mais sensível para prevenir a propagação do HIV entre as mulheres. Ela se baseia numa compreensão mais profunda dos fatores econômicos, legais, sociais e comportamentais que estimulam a epidemia.

Essa abordagem visa instruir os elaboradores de políticas públicas sobre as conseqüências dos desequilíbrios entre os sexos; dar maiores poderes para que as mulheres se protejam contra o sexo indesejado ou com risco; desenvolver e testar métodos de prevenção que as mulheres usem e controlem de forma independente; melhorar a comunicação intersexual e fornecer aos jovens modelos positivos de relacionamento, de apoio mútuo entre mulheres e homens. Em recente pesquisa no hospital Pérola Byington, demonstrou-se a alta aceitabilidade da camisinha feminina.

Apesar de as mulheres terem mais facilidade de contrair a doença no ato sexual, em geral é o homem que escolhe lugar, hora e condições para a relação – e, em 86% dos casos no Brasil, segundo pesquisa recente da Benfam,

A Aids é reconhecida como grave ameaça às mulheres sexualmente ativas, inclusive as monogâmicas



pratica-a sem proteção. Sabemos também que mulheres com infecções genitais, corrimento ou feridas no colo uterino têm de quatro a seis vezes mais probabilidade de contrair o HIV.

Com a desativação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher no Brasil, a maioria das mulheres (particularmente as usuárias do sistema público de saúde) ficou sem assistência ginecológica, tornando-se muito mais suscetível à contaminação pela doença.

Resultado: queda da mortalidade por Aids em São Paulo, com alta entre as mulheres mais pobres. É possível que isso esteja acontecendo no Brasil todo. Segundo instituições internacionais, se os Países não se prevenirem, após o ano 2000 haverá uma verdadeira epidemia, com enorme número de mortes.

Temos hoje no Brasil uma incidência considerada alta, de 58 casos de infecção por HIV para cada 10 mil habitantes, com nítida tendência a crescer.

Se não forem tomadas medidas relevantes e imediatas, estaremos dentro de poucos anos, junto com Países africanos, no grupo de altíssima incidência e sofreremos as tragédias que disso, seguramente, decorrerão. A Aids já é a primeira causa de morte em mulheres entre 20 e 34 anos no município de São Paulo, onde a incidência de HIV positivo é o dobro da registrada no Brasil.

Estamos iniciando um programa de controle de Aids no hospital Pérola Byington, em parceria com a Casa da Aids e o Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da USP. Ele inclui detecção do vírus e assistência às mulheres infectadas, diagnóstico e tratamento de infecções e feridas genitais, educação para a saúde e camisinhas femininas. O programa abrangerá cerca de mil mulheres por dia, com impacto na cidade de São Paulo.